

EVIDÊNCIAS PRELIMINARES DE VALIDADE DA ESCALA DE AUTOIDENTIFICAÇÃO FEMINISTA

Thais Emanuele Galdino Pessoa e Carlos Eduardo Pimentel

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB

INTRODUÇÃO

O feminismo é um movimento social e político que busca a igualdade de direitos entre homens e mulheres, assim como a equidade de gênero em todas as esferas da sociedade. Visa desafiar e combater a discriminação baseada no gênero, questionando estruturas patriarcais que historicamente privilegiaram os homens em detrimento das mulheres. Esta definição é amplamente fundamentada na busca por justiça social, reconhecimento dos direitos das mulheres e na promoção de oportunidades equitativas em áreas como trabalho, política, educação e relações interpessoais (Hooks, 2000). Pesquisadoras como Zimmerman (2017) e Darnell (2018) afirmam que estamos vivenciando a quarta onda do movimento feminista que por meio de diversas mídias sociais online, vem promovendo ativismo digital a respeito de diversas violências de gênero a partir da promoção de uma consciência interseccional. Ou seja, a compreensão de que o sistema de opressão repercute em uma série de discriminações e preconceitos, a partir de diferentes categorias sociais e a sobreposição dessas como classe, de gênero, de geração, de raça/etnia e de orientação sexual (Cresnshaw, 1989). Porém, Siegel e Calogero (2021) em uma revisão bibliográfica apontam para escassez de instrumentos psicométricos que mensuram identidade feminista e crenças relacionadas. No Brasil, não há instrumentos com essa finalidade.

OBJETIVOS

O presente estudo buscar trazer evidências de validade e fidedignidade preliminares a respeito da Escala de Autoidentificação Feminista para uma amostra brasileira, assim como avaliar os parâmetros individuais dos itens. Essa foi proposta inicialmente por Szymanski (2004), com 4 itens buscando investigar crenças, identificação pública, identificação privada e apoio ao movimento feminista, por meio de uma escala Likert de 5 pontos, variando de (1) discordo fortemente a (5) concordo fortemente.

MÉTODO

Foram pesquisados 261 participantes, sendo: 65,40% autodeclaradas mulheres, 49,01% brancas, 69,2% heterossexuais, 54,8% solteiras, 59,1 universitárias, 43,3% de situação econômica baixa.

Foi realizado uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) no Factor, utilizando uma matriz policórica e método de extração *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS). O número de fatores foi definido a partir da técnica de Análise Paralela e rotação Robust Promin.

RESULTADOS

Os resultados (Bartlett (6)= 599,9, $p < 0,001$; KMO = 0,72) sugeriram interpretabilidade da matriz de correlação entre os itens. Quanto ao número de fatores, foi observado apenas 1 com variância explicada de 82,21% para dados reais, com cargas fatoriais variando entre 0,90 - 0,81 para todos os itens (Tabela 1).

Itens	Fator 1
1. Eu me considero uma feminista	0,90
2. Eu me apresento como feminista para as outras pessoas	0,81
3. Valores feministas e princípios são importantes para mim	0,82
4. Eu apoio os objetivos do movimento feminista	0,87
Confiabilidade Composta	0,92
H-latent	0,92
H-observed	0,86

Tabela 1 - Estrutura Fatorial da escala de Autoidentificação Feminista
Fonte: Autores.

Quanto aos índices de ajuste do instrumento foram, em geral, adequados ($\chi^2=1549,35$; $\chi^2/gl = 258,22$; RMSEA = 0,27; NNFI = 0,96; CFI = 0,987; WRMR = 0,15). Os parâmetros de discriminação e *thresholds* foram avaliados, sendo o item 1 o mais discriminativo ($a = 2,079$), porém em relação aos *thresholds* foi encontrado padrão inesperado de resposta para os itens 1 e 2 (Tabela 2.). Destaca-se que os valores de UniCo (0,98), ECV (0,86) e MIREAL (0,29) suportam a unidimensionalidade da escala. Por fim, foi observado precisão satisfatória da medida (Ômega de McDonald = 0,90; Alfa de Cronbach = 0,90).

Itens	a	b1	b2	b3	b4	b5
1.	2.07	-2.87	-1.00	-0.66	0.04	0.90
2.	1.38	-5.00	-0.58	-0.03	0.77	1.47
3.	1.44	-5.00	-1.73	-1.26	-0.56	0.14
4.	1.77	-5.00	-1.63	-1.12	-0.57	0.32

Tabela 2 - Discriminação e dificuldade dos itens da escala de Autoidentificação Feminista
Fonte: Autores.

Nota: a = Discriminação do Item; b = Thresholds

DISCUSSÃO

O instrumento em questão apresenta-se como uma primeira medida validada para a mensuração de aspectos relacionados à autoidentificação com o movimento político do feminismo no Brasil. A respeito das evidências de validade, pôde-se observar a adequação do instrumento de acordo com a literatura especializada (Figueiredo & Silva, 2010). Salienta-se que não foi necessária a exclusão de nenhum item. Foi possível também observar a adequação do modelo do instrumento, isso porque os índices mostram-se, de maneira geral, satisfatórios (Byrne, 2012; Brown, 2006) assim como a precisão do instrumento em questão (Maroco & Garcia-Marques, 2006). Por fim, a partir da calibração dos itens, analisamos os parâmetros: (a) discriminação e a (b) dificuldade com que esse item se apresenta para os respondentes.

Quanta a discriminação, todos os itens apresentaram discriminações consideradas altas (Baker, 2001), contudo os itens 1 e 2 apresentam irregular distribuição de dificuldade, isso pode ser facilmente compreendido pela natureza dos itens (maior dificuldade), mas também o peso dessa identidade devido associação com estigmas enraizados socialmente (Prada, 2021; Masiero, 2019). Isso pode resultar em um autopreconceito ao endosso em uma sociedade sexista, como apontam dados recentes da realidade brasileira de que apenas 3/10 mulheres se denominam feministas, mas a maioria diz apoiar os objetivos do movimento (Instituto Update, 2022).

Apesar disso, esses achados iniciais trazem à discussão a necessidade de novos estudos buscando refinar o instrumento e trazer evidências em diferentes populações. Isso porque, diversas revisões sistemáticas da literatura apontam para os benefícios do apoio ao movimento para a saúde e qualidade de vida das mulheres (Lwamba et al., 2022; Guthridge et al., 2022; Murnen & Smolak, 2009).

CONCLUSÃO

O instrumento mostra-se válido e fidedigno para o contexto brasileiro, sendo necessário novos estudos buscando agregar diferentes evidências de validade. O que permite que o papel não só de crenças feministas, mas da autoidentificação com o movimento possa ser investigada na predição de diferentes variáveis psicológicas como saúde mental e imagem corporal a partir da realidade brasileira.

REFERÊNCIAS

- Baker, F. B. (2001). The basics of item response theory. ERIC. For full text: <http://ericae.net/irt/baker>
- Byrne, B. M. (2012). Structural equation modeling with Mplus. New York, NY: Routledge.
- Brown, T. A. (2006). Confirmatory factor analysis for applied research. New York: The Guilford Press.
- Crenshaw, K. (2013). Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. In *Feminist legal theories* (pp. 23-51). Routledge.
- Darnell, L. (2018). An introduction to feminism and cross-cultural body image in the United States. *Senior Honors Theses and Projects*. 613. <https://commons.emich.edu/honors/613>
- Figueiredo, D. B., Filho & Silva, J. A., Jr., (2010). Visão além do alcance: Uma introdução à análise fatorial. *Opinião Pública*, 16(1), 160-185. doi:10.1590/S0104-62762010000100007
- Guthridge, M., Kirkman, M., Penovic, T., & Giummarra, MJ (2022). Promover a igualdade de gênero: Uma revisão sistemática das intervenções. *Pesquisa sobre Justiça Social*, 35 (3), 318-343.
- Hooks, Bell. "Feminism is for Everybody: Passionate Politics." South End Press, 2000.
- Lwamba, E., Shisler, S., Riddlehoover, W., Kupfer, M., Tshabalala, N., Nduku, P., ... & Snilstveit, B. (2022). Strengthening women's empowerment and gender equality in fragile contexts towards peaceful and inclusive societies: A systematic review and meta-analysis. *Campbell systematic reviews*, 18(1), e1214.
- Maroco, J. & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90. doi:10.14417/lp.763
- Masiero, C. M. (2019). Mobilização do direito e enfrentamento ao preconceito: os movimentos feminista, negro e LGBTQ e a constituição de 1988. *Revista de Direito Brasileira*, 21(8), 84-107.
- Prada, M. (2021). *Putafeminista*. Veneta.
- Siegel, J. A., & Calogero, R. M. (2021). Measurement of feminist identity and attitudes over the past half century: A critical review and call for further research. *Sex Roles*, 85(5), 248-270.
- Zimmerman, T. (2017). # Intersectionality: The fourth wave feminist Twitter community. *Atlantis: Critical Studies in Gender, Culture & Social Justice*, 38(1), 54-70.